

MEMÓRIA E IMAGINÁRIO: PERCEPÇÕES SOBRE A RÁDIO EDUCADORA EM BRAGANÇA-PA

MEMORY AND IMAGINARY: INSIGHTS ABOUT THE RÁDIO EDUCADORA IN BRAGANÇA-PA

Maria do Socorro Galvão Simões¹
Doutora em Letras
Universidade Federal do Pará
(galvao@ufpa.br)

Rafaella Contente Pereira da Costa²
Mestra em Linguagens e Saberes
Universidade Federal Rural da Amazônia
(rafaellacontente@gmail.com)

RESUMO: O presente artigo trata de uma breve compreensão sobre as percepções dos moradores locais sobre a primeira mídia na cidade de Bragança-PA, a Rádio Educadora. A importância de estudar essa emissora de rádio é que a mesma faz parte da identidade e assim da memória do bragantino. A metodologia utilizada foi a coleta de narrativas em trabalho de campo. Memória, identidade e imaginário estão presentes nas inúmeras narrativas contadas e que constituem a diversidade cultural de nossa sociedade e nos elementos narrativos que as formam. São observadas as experiências de vida e os diversos discursos do lugar os quais guardam uma gama de significados. Através dessas narrativas, percebemos o cotidiano dos moradores de Bragança, o narrado e o vivido, pois nelas estão os elementos que representam a vida daqueles sujeitos. As narrativas orais fazem parte do modo de se expressar dos moradores do local, sendo uma forma essencial para a cultura e a tradição do lugar.

Palavras-chave: Rádio Educadora. Imaginário. Memória. Identidade.

ABSTRACT: This article is a brief understanding of the insights of local residents about the first media in the city of Bragança-Pa, the Rádio Educadora. The importance of studying this radio station is that it is from part of the identity and thus the memory of the Bragantino. The methodology used was the collection of narratives in fieldwork. Memory, identity and imaginary are present in the countless narratives exhibited and that they constitute the cultural diversity of our society and in the narrative elements that form them. In this study, there are observations about experiences of life and the different speeches from the place and these hold a range of meanings. Through these narratives, we perceive the daily lives of the residents of Bragança, the narrated and the lived, because in them are the elements that represent the lives of those subjects. Then, oral narratives are part of the way of expression of local residents and an essential form for the culture and tradition of the place.

Keywords: Rádio Educadora. Imaginary. Memory. Identity.

¹ Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7678-2895>.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Pará.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6692-7763>.

Rádio e memórias narrativas

No Brasil, o rádio teve início em 1922, entretanto no Pará iniciou em 1928 com a fundação da Rádio Clube do Pará, a qual também funcionava em Bragança, no entanto com poucos aparelhos ligados, já que na época poucas pessoas na cidade poderiam ter um rádio. A primeira emissora de rádio da cidade de Bragança foi a Rádio Educadora, com fundação em 1960 e com grande participação da população como ouvinte.

A Rádio Educadora foi a primeira rádio católica da Amazônia e foi fundada pela congregação dos padres Barnabitas para desenvolver a região e evangelizar, diante da difícil tarefa de chegar até a casa das pessoas em decorrência do território ainda ser cercado de muita mata e poucas vias de acesso até as comunidades, além do baixo desenvolvimento social. Diante dessa situação, foi vista a necessidade de evangelizar e atender a população do interior de toda região aonde os padres não poderiam ir ou ir com frequência. Foi então que Dom Elizeu recebeu das autoridades do município a tarefa de fundar uma Escola Normal para o desenvolvimento local. Neste cenário, o padre buscou fundar uma rádio que para ele era “... instrumento eficaz de cidadania, tornando o caboclo iletrado das comunidades mais distantes, um cidadão consciente e participante, tendo acesso ao saber divulgado pelas escolas radiofônicas” (COLARES, 1997, p. 10).

Para atender às necessidades da população, a programação tinha além do entretenimento com músicas, radionovelas e programação religiosa católica, a difusão de aulas radiofônicas com disciplinas regulares e aulas para o desenvolvimento da agricultura, informações sobre saúde e novas técnicas de trabalho como artesanatos e costuras. A Rádio Educadora também promovia festivais folclóricos e de música, além das festividades dos santos, o que integrava a região com tantas vilas e comunidades afastadas.

Assim, a Rádio Educadora se tornou parte da cultura e identidade da região, estando presente nas narrativas orais da cidade de Bragança de diferentes formas, seja nas narrativas dentro da perspectiva religiosa, na das elites e na fala dos moradores locais, sendo essa última abordada nesse trabalho. Estes, relatam a Rádio Educadora sob suas visões, cercada de imaginários locais e onde a memória é o elemento integrador entre as percepções da época da fundação que até hoje são difundidas pelas narrativas no cotidiano das pessoas e que fazem da rádio um

elemento da identidade local. As narrativas são carregadas de simbolismos e nos mostram a identidade que, para Castells (1999), é a construção de significados de acordo com um ou vários atributos culturais. Logo, os sujeitos constroem suas identidades por meio de processos individuais e coletivos, pelo contexto social, instituições, pelo imaginário e também pelas relações de poder e religião, que são fontes de significados.

A identidade se mantém viva com as histórias contadas, com os exemplos passados e, ademais, a cada contar a tradição é revivida, atualizada e moldada. Revive-se, pois ao ouvinte são dados meios, através da memória e da narrativa, para voltar ao tempo e se sentir novamente naqueles lugares contados; é atualizada posto que o que é contado passa por uma seleção através de silenciamentos, esquecimentos e do que é lembrado; por fim, é moldada, em um campo de batalha social do que é para ficar e ser repassado.

Todos esses caminhos percorridos pela identidade são trabalhados em conjunto com a memória, sendo a mantenedora dos costumes e que fortalece os laços nas comunidades.

Tudo o que é lembrado, silenciado e esquecido é refletido nas narrativas contadas que marcam a identidade de um povo, as quais representam a comunidade, pois compõem a história da estrutura social e pode-se, a partir delas, compreender as formas em que vivem. Platão, sobre memória e esquecimento, dizia ser um presente da mãe das Musas, Mnemosyne, assim, a lembrança estava ligada a um bloco mágico, onde eram armazenados os acontecimentos e experiências e onde era impresso o que lembramos, este último permanecendo em uma cera; enquanto que o esquecimento era o que se apagou ou que não foi gravado (PLATÃO, 1998).

O que lembramos reportamos em nossa fala, lugar que, para Clastres (1990), detém-se o poder. O poder de mudar, transformar e manter uma ordem social, favorecendo os laços de uma comunidade.

A linguagem é o elemento central na formação do sujeito, essencialmente histórico e social, entendendo o discurso e a consciência como resultados coletivos e não individuais, assim “todo o verbal no comportamento do homem de maneira nenhuma pode ser creditado a um sujeito singular tomado isoladamente, pois não pertence a ele, mas sim ao grupo social” (BAKHTIN, 2004, p. 86). Um exemplo disso

é o uso do pronome “nós” nas narrativas, externando que a ideia foi construída socialmente.

Os saberes orais são repassados entre famílias e entre membros de uma mesma comunidade ou vila por narrativas orais, através de lembranças guardadas na memória e que preservam informações selecionadas como necessárias para a continuação do grupo. A oralidade, a memória e a narrativa são elementos essenciais na compreensão das relações sociais.

Como as narrativas são sobre algo do passado, o narrador está fora e em tempo diferente, possibilitando a ele ver melhor as situações e revelando por vezes o que somente se podia enxergar de longe. É interessante perceber que os sujeitos de hoje (a profissão que possuem e as experiências que tiveram, por exemplo) visualizam eles mesmos no passado como o “outro”, ou seja, em função da memória, mostram o passado recriado e com novos olhares de apenas quem está no presente conseguiria ver. Esse eu na posição exterior é chamado por Bakhtin (2003) de excedente de visão³.

Na relação da construção identitária dos moradores de Bragança com a Rádio Educadora, os personagens, as músicas e as notícias eram o principal “outro” onde ocorriam confrontos e negociações, constituindo o processo de formação de consciência dos sujeitos. Para Bakhtin (2004), a identidade é essa tomada de consciência.

A memória e a identidade na mitopoética bragantina

No contato com o outro, os sujeitos se posicionam em lugares que podem ser o mesmo dele ou não, daí a identidade, segundo o autor, ser marcada pela diferença. Na relação que ocorre nos enunciados entre os falantes, há tanto a demarcação de uma identidade quanto há meios dessa mesma identidade ser reinventada. Nesse sentido, as narrativas funcionam como lembrança e consciência identitária. O contar é carregado de tradição, mito e comportamento.

A tradição da Rádio Educadora é repassada quando são narrados comportamentos sociais próprios dos grupos locais que envolvem a mídia. Até hoje, as narrativas orais são a base onde estão os valores e as crenças e que, muitas vezes,

³ Na posição exterior é possível ver com maior completude por meio de valores, lugar e tempo diferentes.

tornaram-se grandes questões de uma comunidade frente às informações científicas e jornalísticas de quem tinha no ato de contar histórias a condição de aprendiz.

Como uma sociedade essencialmente oral, esses sujeitos efetivaram nas narrativas míticas um importante elemento de resistência dando, ao saber popular, destaque no cotidiano e assim, nas relações. O fazer parte da natureza é elemento basilar na formação das sociedades amazônicas, dessa forma, para expor esses imaginários que compõem a identidade do bragantino são discutidos possíveis sentidos das narrativas coletadas no trabalho de campo em Bragança e nas vilas que formam esse município.

Como não podia deixar de ser, na Amazônia, nas narrativas coletadas se percebe o imaginário ligado a natureza. Sobre essa relação, Diegues (1999) diz que a apropriação tradicional de um lugar é o saber profundo da natureza e de seus ciclos refletidos na elaboração de estratégias de uso e manejo dos recursos naturais, esses são transferidos de geração em geração pela oralidade estabelecendo uma relação de dependência e simbiose com a natureza, dentro dessas relações também são encontrados aspectos não-materiais que unificam três funções do conhecimento, que são as representações, organizações e legitimações das relações sociais por meio da natureza.

Assim, as narrativas compartilhadas não se trata somente da relação entre natureza e os sujeitos, mas de um convívio com o simbólico, com o subjetivo e com relações sensíveis, e por isso não compreendidas somente por meio de observações, mas da escuta intensa desse contar que justifica comportamentos, costumes e identidades.

Memória, identidade e imaginário estão presentes nas inúmeras narrativas contadas e constituem a diversidade cultural de nossa sociedade e nos elementos narrativos, que as formam, são observadas as experiências de vida e os diversos discursos do lugar que guardam uma gama de significados. Através dessas narrativas percebemos o cotidiano dos moradores de Bragança, o narrado e o vivido, pois nelas estão os elementos que representam a vida daqueles sujeitos. As narrativas orais, então, fazem parte do modo de se expressar dos moradores do local e forma essencial para a cultura e tradição do lugar. Nas palavras de Barthes (2011, p. 19):

Inúmeras são as narrativas do mundo. Primeiramente, há uma variedade prodigiosa de gêneros, eles próprios distribuídos entre

substâncias diferentes, como se toda matéria fosse apropriada para que o homem lhe confiasse suas histórias: ela pode ser suportada pela língua articulada, oral ou escrita; pela imagem fixa e imóvel, pelo gesto e pela mistura ordenada de todas essas substâncias; ela está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, a epopeia, na história, na tragédia, etc. Ademais, sob essas formas quase infinitas, ela está presente em todos os tempos, todos os lugares, em todas as sociedades, pode-se dizer que ela começa mesmo com a história da humanidade.

Na cidade de Bragança de 1960, diante de uma cultura fortemente oralizada, os sujeitos se viam na posição de ouvintes de novas narrativas com o contar do rádio invadindo os campos, as florestas e os imaginários, penetrando-os com estilos de vida que ainda não cabiam nas relações sociais com o meio ambiente local.

E para dar conta dessas vastas comunidades e sentidos considere as abordagens de Gerard Genette (1985) ao compreender que as narrativas são as relações entre narrativa e história, narrativa e narração e entre história e narração. O autor define três categorias de análise apontadas por Todorov: do tempo (na relação entre tempo, história e discurso), do aspecto (como a história é percebida pelo narrador) e do modo (tipo de discurso).

Imaginário, narrativas e a rádio educadora

Eliade (1963) diz que o mito, por se referir às realidades, são sempre histórias verídicas. Devido aos sujeitos os tomarem como verdades, atingem o campo do simbólico construído socialmente para explicar algum fenômeno ou comportamento da natureza, que sem a ciência, ou mesmo nem a ciência, conseguiria explicar, assim as respostas e as compreensões das relações entre esse sujeito caboclo e uma mídia estão também nos mitos.

O mito, igual como a arte, recorta uma determinada zona da vida e a dota de uma grande significação, projetando-a à esfera do durável. Quer dizer, certos fatos que se consideram relevantes são separados da banalidade, convertidos em imagens e fixados num espaço de intensidade e luz, como um modelo para destacar ou para resolver uma contradição (COLOMBRES, 1997, p. 214, tradução nossa)⁴.

⁴ “El mito, al igual que el arte, recorta una determinada zona de la vida y la dota de una alta significación, proyectándola a la esfera de lo durable. Es decir, ciertos hechos que se consideran relevantes son sustraídos de la banalidad, convertidos em imágenes y fijados em el espacio de la intensidad y la luz, como um modelo para emular o para resolver una contradicción” (COLOMBRES, 1997, p. 214).

Bragança tem uma sociedade que se organiza em grande parte pelo imaginário da região, sob mitos e lendas e, ainda, nas transformações naturais sofridas por essas narrativas que criaram novas respostas às perguntas surgidas nesses grupos.

Os sujeitos imaginam nas janelas das suas casas, durante o caminho da roça, naquela noite sob a luz do luar, na beira dos rios e diante da floresta. Como diz Bachelard (1990, p. 144) “em seu devaneio solitário, o sonhador de devaneios cósmicos é o verdadeiro sujeito do verbo contemplar, a primeira testemunha do poder de contemplação”. Como todos os espaços são únicos e como todas as percepções também são, mesmo considerando a questão de grupo e de memória coletiva, o espaço se torna mítico e múltiplo. Na realidade amazônica o mundo físico é confundido com o do imaginário.

Os sujeitos daquele lugar estão abertos ao sensível, ao mesmo tempo em que compreendem com a razão todos os fatos a volta deles. Porém, o maravilhoso e fantástico se confundem com suas emoções, pois fazem parte de como sentem e de como percebem. Dessa forma, explicam algo em conjunto com a realidade que se vê e como se sente.

Abaixo há a transcrição de algumas narrativas coletadas. Lèfebve (1991) diz que há a narração, dita por vezes enunciação, quando é um discurso verbal que nos instrui sobre o mundo e a narrativa que é o próprio mundo, sendo os lugares, tempo e personagens, que é a diegese.

A narrativa a seguir, foi contada pelo seu Carlos Soares, morador da cidade de Bragança⁵.

Escutei muito a Rádio Educadora de Bragança, lembro que nos interiores era comum moradores se assentarem ao pé das árvores e postes onde havia sempre uma caixa de som. Nos locais de reunião dos moradores havia também aparelho de rádio para transmitir as missas radiofônicas, assim como notícias em geral, principalmente as notícias católicas comunicando de transferência de padres de um município para o outro. Dom Elizeu Corolli foi o criador e maior incentivador do uso do rádio como forma de propagação religiosa. As muitas historinhas locais relacionadas a mitos foram aos poucos somadas às histórias da vida de santos, como o de Santa Terezinha, que atraiu muitos jovens para o convento. Lembro do padre Catel, um religioso que era responsável pelo perfeito funcionamento do rádio. Ele consertava todos os aparelhos, pelo o que eu sei o mesmo foi

⁵ Seu Carlos tem 64 anos.

funcionário da RAI, empresa de rádio e televisão da Itália. Ele era de família de nobres italianos que ao determinado momento largou a vida de leigo e entrou para a Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo, conhecidos no mundo como padres Barnabitas. As histórias regionais sempre eram propagadas nas rodas de conversas e sempre tinham um cunho de verdade, porque foram repassadas de pai para filhos, sempre alguém presenciou: - Eu vi com meus próprios olhos que a terra há de comer ... (falou mudando um pouco a voz, como se estivesse repetindo a fala de alguém). - A matinta perera assoviou em frente a minha casa e na manhã seguinte já tinha uma velhinha pedindo tabaco ... (entonação diferente como se estivesse imitando alguém). Nos contavam sobre o seu Ataíde ... até era dito: - Não vá ao mangue sozinho, pois o seu ataíde só tá de botuca ... (imita outra voz). A Rádio Educadora de Bragança também fomentava o interesse de alunos nas participações de peças e teatros radiofônico, lembro que fui convidado para participar da história de Santa Terezinha desempenhando o papel de advogado.

Seu Carlos inicia a narrativa mostrando os espaços pelos quais as vozes da Rádio Educadora circulavam, estes eram os espaços comuns das vilas e comunidades como a área externa das casas e o lugar de reunião dos moradores que pode ser, de acordo com a pesquisa, centros comunitários, igrejas ou a casa de algum morador. O narrador ainda destaca notícias católicas vindas do rádio.

Em um segundo momento, cita o nome de dois religiosos, sendo o idealizador do rádio na região, Dom Elizeu Corolli e o padre Catel, pessoa que ajudou de forma técnica e financeira a Rádio Educadora. Ao dizer o nome deles, deixa registrado a importância dos mesmos para as pessoas de Bragança, no sentido de trabalhar para o que é considerado genuíno do lugar, o rádio.

Na terceira parte sobre conteúdo da narrativa, seu Carlos conta sobre as narrações míticas da região, relacionando assim as duas formas do contar de Bragança: as míticas e as narrações de rádio. Ele mostra como tais narrativas são verdadeiras na visão dos bragantinos e como vivenciam essas experiências.

Por meio da narrativa é possível observar como a criação, reprodução e circulação de formas simbólicas são características que moldam a vida social, ora, para Baczo (1984), o imaginário social são dispositivos simbólicos que dão a um grupo um esquema afetivo de interpretação de experiência individual, assim, é a partir da criação e reprodução do imaginário que o grupo vai encontrar sua identidade, ao fazer uma representação de si por meio das divisões dos papéis sociais, crenças e ordem.

No que se refere às falas nas quais o narrador muda o tom da voz para simular ser de outra pessoa/personagem, é mostrado a intimidade na vivência do saber narrar,

que é construído no cotidiano e a crença, através da fala “[...] de pai para filho [...]”, evidenciando uma verdade, pois foi reproduzida em uma relação verdadeira e de repasse de saberes.

Quando seu Carlos finaliza a narrativa, aborda o aspecto das participações dos ouvintes no rádio, nesse caso, sendo personagens de dramatizações nos estúdios da Rádio Educadora. Connerton (1993) diz que em todas as formas de conhecimento os sujeitos tendem a fundamentar suas experiências presentes nas do passado para garantir que são inteligíveis, ou seja, as experiências guardadas na memória. Assim, as participações na Rádio Educadora podem ser interpretadas como um aspecto de valorização dos sujeitos locais, já que eram contadores natos. Ainda é possível considerar Canclini (1990), quando tratou que tanto a mídia dita original quanto a de outros formatos se relacionam com trocas, ocorrendo assim a reorganização do moderno e tradicional.

É possível perceber que a narrativa de seu Carlos apresenta tempo cronológico linear, porém os espaços são modificados, ou seja, ocorrem em três lugares diferentes, foram eles, as vilas, depois o da Rádio Educadora, os espaços narrados nos mitos locais, retornando para o rádio. O narrador contou sobre os lugares nos quais eram possíveis encontrar um rádio ligado, a respeito das funções de dois religiosos na emissora e aspectos do contar. O contar que era feito nas rodas de conversas, mas que também existia no rádio, inclusive com participações dos moradores locais. Dessa forma, são perceptíveis as diferentes formas como as pessoas eram incluídas nas programações, seja durante as festas, cantando nos festivais, sendo alunos e monitores, assim como fazendo o que lhes eram mais comuns: contar. Contar uma história teatral, como relatou o narrador.

Através da narrativa também é observado que a aprendizagem ocorre principalmente por meio de duas vozes do lugar, as do rádio e das narrativas orais populares, reproduzidas pela relação identitária. A aprendizagem acontece quando seu Carlos nos conta que: “Escutei muito a Rádio Educadora de Bragança, lembro que nos interiores era comum moradores se assentarem ao pé das árvores e postes onde havia sempre uma caixa de som.”, “Nos locais de reunião dos moradores havia também aparelho de rádio para transmitir as missas radiofônicas, assim como notícias em geral [...]” e “[...] Nos contavam sobre o seu Ataíde ... até era dito: - Não vá ao mangue sozinho, pois o seu Ataíde só tá de botuca [...]”. Nestes pontos são mostrados

o lugar que o rádio ocupava na paisagem, o aprendizado sobre a religião católica e sobre o mundo com as notícias do dia, assim como saberes relacionados ao lugar, como no aviso que o Ataíde estava observando quem adentrasse no mangue.

Desse modo, a cultura e a tradição do lugar vão sendo moldadas e transformadas, como é compreendido na voz de seu Carlos: “[...] à mitos foram aos poucos somadas às histórias da vida de santos [...]”

Na próxima narrativa, dona Socorro conta:

Eu era zinha quando aconteceu isso. Foi aqui lá para as bandas de quem vai pra Viseu. A gente morava lá.

Tinha uma mulher que virava curuacanga. Ela virava bicho, mas só dia de sexta-feira. Todo mundo já sabia e corria pra lá, até quem tava na vila do lado escutando aula.

Eles viro um fogo (demonstra medo no olhar), aí o fogo saiu de dentro da casa. Ela saiu andando e tinha aquele fogo que virava ela, emborcava, isso era a peleja. E ela saia andando e quem via ela dava, dava naquela pessoa, queima.

Se não for ligeiro ela pega (aumenta o ritmo da fala) Tem que ser rápido. Engraçado é que ela era bicho só dia de sexta, nos outro dia era falante que só os rádio (sorri).

Lá não pegava, porque não tinha, mas na vila do lado já tinha ganhado e ela ia pra lá. Mas na sexta-feira corre, porque o fogo queimava na hora que ela dava-lhe no caboco ⁶.

Percebe-se que dona Socorro conta sobre um acontecimento na vila ao lado de onde residia e que traz situações do cotidiano com o rádio, como a escuta das aulas, a reunião de pessoas para essa escuta e a ida até comunidades mais próximas, onde já haviam recebido o rádio da Educadora, assim como a presença de monitores. O tempo da narrativa ocorre na infância da narradora, exposto na fala dela “Eu era zinha quando aconteceu isso”, já que ser zinho caracteriza a pessoa pequena ou criança.

A narrativa mostra o espaço referente à Bragança, porém próximo a Viseu, assim como um lugar que territorialmente estava perto de outras vilas ou comunidades, o que favorecia a relação entre os moradores (personagens da narrativa), o compartilhamento do mesmo rádio para a escuta das aulas e possivelmente o mesmo monitor.

Essa narrativa também expõe uma gama de elementos míticos, como a mulher que virava algum ser sobrenatural, a data de sexta-feira, o movimento que

⁶ Dona Socorro tem 70 anos e mora na vila Tijoca.

esse ser curuacanga fazia, caracterizado como a peleja que é um tipo de sofrimento causado. A sexta-feira foi a causa de a mulher ter se transformado em mulher curuacanga e tem ligação com o religioso, com o sagrado e com superstições. Segundo Pereira (2005), o encantamento da sexta-feira tem relação com aspectos mágicos e pode ter dois aspectos: o bom é que lembra a esperança de um Deus solidário aos sofrimentos humanos e o ruim é que tem a lembrança do azar e de agouro. Destaco ainda o sentido de transformação, pois a sexta-feira lembra o dia em que Jesus Cristo morreu pelos pecados do mundo, esse dia é marcado pela transformação e mudança, simbolizada pela transformação da mulher de forma sobrenatural e o sofrimento pela peleja.

A narradora ressalta ainda aspectos da tradição citados por Thompsom (1998): o hermenêutico, ao mostrar que, o esquema mental que dona Socorro usa para compreender os acontecimentos, que são os mitos; o normativo, quando a crença em transformações sobrenaturais foi um elemento usado para explicar uma situação durante as aulas e o legitimador, quando mostrou a pertença desse grupo social ao imaginário popular amazônico.

Os tempos verbais usados pela narradora foram a 1ª e a 3ª pessoa. Ela usou “eu era zinha” no início, caracterizando um narrador participante, entretanto quando falou “eles viro um fogo” percebi que se tratava de um narrador ausente no momento do acontecimento, mas que compartilhava do mesmo tempo em que a história se passou. O fato de ter dito que era criança, foi como nos afirmar: sim! O fato aconteceu! É verdade! Eu era criança. Observei também, segundo Castells (1999), que o espaço e o tempo são transformados sob o efeito conjunto da tecnologia de informação e das formas e processos sociais ocorridos pela transformação histórica.

Uma breve reflexão

Ocorre uma fusão de histórias na lembrança dos sujeitos no momento que se faz a pergunta sobre a Rádio Educadora ou sobre os aspectos do lugar. Essas narrativas expõem a teia social em que as lembranças estão inseridas e que a oralidade permite compreender em volta dos acontecimentos e percepções apreendidas no cotidiano pela memória e representadas no imaginário.

Lembrar significa reordenar de forma ideológica e conceitual o passado a partir de bens simbólicos na reconstituição da textura da vida baseada na

subjetividade, assim as narrativas trazem elementos restituídos da vida privada, pública, afetiva e política (CARDOSO; FERNANDES, 2016), como ocorre nas narrativas sobre o rádio em Bragança.

As narrativas exibem sentimentos e costumes atuais que foram construídos ao longo do tempo e dos espaços ocupados pelos sujeitos. Segundo Halbwachs (2006), quando as pessoas lembram de algum acontecimento mostram que fazem parte de um grupo de referência, sendo assim possível ser reconhecido a partir da memória e da identidade.

As identidades mostram quem são as pessoas que moram em Bragança no sentido mais profundo do ser, pois suas emoções são sentidas em uma das formas que fazem para difundir e transformar o meio: o narrar e o imaginário.

As narrativas são o resultado da necessidade dos moradores locais de expressarem suas histórias de vida, seus saberes e suas compreensões sobre o mundo que fazem parte da identidade. Assim, as mesmas nos dão a possibilidade de adentrar no universo social, cultural e político do lugar. Ao contarem suas histórias, os sujeitos foram externando também reflexões acerca do convívio com novas vozes dentro dos seus lugares identitários.

Referências

- BACHELARD, G. **A poética e os devaneios do repouso**: ensaios sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BACZO, B. **Les imaginaires, memories e esopirs collectives**. Paris: Payot, 1984.
- BAKHTIN, M. **Freudismo**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BARTHES, R. [et al.]. **Análise estrutural da narrativa**. 7ed. Petrópolis: Vozes, 2011
- CANCLINI, N. G. La modernidad después de la posmodernidad. *In*: BELLUZO, Ana Maria de Moraes (org). **Modernidade**: Vanguardas artísticas na América Latina. São Paulo: UNESP, 1990.
- CARDOSO, R. da S.; Fernandes, J. G. dos S. Os saberes da gente do mar: o imaginário e as experiências de vida dos pescadores da vila do Treme, Bragança (Pa). *In*: **Laços e traços da Amazônia**. SIMÕES, Maria do Socorro Galvão; NASCIMENTO, Luciana Marino do (orgs). Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Terra e Paz, 1999.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**. Tradução Theo Santiago. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

COLARES, T. **O missionário feliz**. Paragominas – PA: Ed. São Marcos, 1997.

COLOMBRES, A. **Celebración del lenguaje**: hacia una teoría intercultural de la literatura. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1997.

CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. 1ª. ed. Oeiras: Celta Editora, 1993.

DIEGUES, A. C. S. **A sócio-anthropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil**. Etnográfica, vol. III (2), 1999, p. 361-375.

ELIADE, M. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1963.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Veja, 1985.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LÉFEBVRE, H. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.

LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cultural Brasil, 2015.

PEREIRA, J. C. **O encantamento da sexta-feira santa**: manifestações do catolicismo no folclore brasileiro. São Paulo: Annanlume, 2005.

PLATÃO. Diálogos. **Teeteto**. 2 ed. Universidade Federal do Pará, 1988.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petropolis, RJ: Vozes, 1998.

Recebido em 06 de abril de 2020
Aprovado em 04 de maio de 2020